

O IMPRESSIONISMO CRÍTICO DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE (1867-1934) NO ESTUDO DE ROMANCES BRASILEIROS (1897-1908)

Vitor Celso Salvador

(Mestrando – UNESP/Assis – CAPES)

RESUMO: Este artigo visa à análise de textos significativos do crítico José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), único responsável pela coluna “Crônica literária” (1897-1908), do periódico carioca *A Notícia*. Para tanto, propõe-se observar o impressionismo crítico peculiar desse escritor no enfoque, especificamente, de alguns romances brasileiros resenhados nessa coluna jornalística. Examinar o trabalho do crítico nesse periódico poderá proporcionar um conhecimento mais amplo da crítica literária divulgada em jornais, contribuindo também para o estudo do papel das fontes primárias para a história da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: crítica; periódico; romance

O jornal *A Notícia* ganhou circulação nas bancas cariocas no dia 17 de setembro de 1894. Esse periódico teve direção de Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha, tendo também a colaboração de nomes importantes da literatura nacional, como João do Rio, Coelho Netto, Valentim Magalhães, Olavo Bilac, Visconde de Taunay, Raymundo Correa, Capistrano de Abreu, Artur Azevedo e Medeiros e Albuquerque. Não foi o primeiro vespertino carioca a tentar conquistar os leitores da época, visto que já existiam a *Gazeta da Tarde*, de Ferreira de Menezes (1845-1881), e *Novidades*, de Alcindo Guanabara (1865-1918).

A Notícia surgiu no final do século XIX como o primeiro periódico a publicar reportagem extremamente original, desvinculando-se das notícias matinais. Ao revelar matérias frescas, procurava, sobretudo, fisgar aqueles leitores fiéis que não suportavam a espera do jornal do dia seguinte para se atualizarem, ao passo que as notícias vinham no mesmo dia com informações inéditas, saindo às 15h.

Além disso, uma característica específica deste jornal era a moderação em suas informações relatadas, visto que ele evitava se envolver em grandes polêmicas, preferindo não explorar notícias de crimes e muito menos escândalos sensacionalistas.

Outro dado bastante relevante de *A Notícia* é que, a partir de seu segundo ano de existência, ela passou a ser impressa em um papel cor-de-rosa bastante fino, diferenciando-a de seus vários concorrentes. Além disso, o texto desse periódico distribuía-se por seis colunas em que se utilizavam tipos graúdos.

Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque) foi jornalista, professor, político, poeta, contista, orador, teatrólogo, romancista, memorialista, ensaísta, conferencista e crítico.

Nasceu em Recife em 4 de setembro de 1867 e morreu no Rio de Janeiro em 9 de junho de 1934. Participou como secretário-geral da Academia Brasileira de Letras, fundando a cadeira de número 22, cujo patrono é José Bonifácio, o Moço. Em 1896 e 1897, presenciou as primeiras sessões de instalação da Academia. Sua ocupação foi de 1899 a 1917.

Medeiros e Albuquerque é o autor da letra do Hino da República. Inicialmente, trabalhou como professor primário, entrando em contato com autores famosos do tempo, tais como Pardal Mallet e Paula Ney.

Além disso, ele sempre se manteve empolgado por questões políticas, sendo que “como político, que também foi, desenvolveu importante missão na propaganda da República e foi deputado federal e senador pelo seu estado natal” (CARPEAUX, 1964, p.25). Fazia parte do grupo republicano. Para ele, a monarquia só trouxe atraso ao Brasil, ao passo que figuras importantes desta época como, por exemplo, o imperador D. Pedro II, recebeu sempre comentários negativos dele, que opinou que “nem tudo nele era sincero: queria principalmente parecer sábio, parecer um homem que lia tudo, que entendia de tudo” (ALBUQUERQUE, 1942, p.21).

Medeiros e Albuquerque estreou na literatura em 1889, com os livros de poesia *Pecados* e *Canções da decadência*. Esse último foi escrito dos seus 15 aos 18 anos. No volume *Pecados*, ele fez a “Proclamação Decadente”, que foi o texto precursor do poema-manifesto “A Arte”, de Cruz e Sousa.

Ele escreveu livros importantes para a literatura nacional, tais como: *Páginas de crítica*, *Homens e coisas da Academia Brasileira*, *Quando era vivo*, *Marta*, *Laura*, *Em voz alta*, *O silêncio é de ouro*, *O umbigo de Adão*, *Por alheias terras*, *Graves e fúteis*, *Fim*, *O escândalo*, *Teatro meu... e dos outros*, *O mistério*, *Pontos de vistas*, *O Brasil e a guerra europeia*, *O Remorso*, *Um homem prático*, *Mãe tapuia*, *Contos escolhidos*, *Se eu fosse Sherlock Holmes*, *O regime presidencial do Brasil*, *Hipnotismo*, *A arte de seduzir as mulheres* e *Minha vida*.

Além disso, simultaneamente ao funcionalismo público, Medeiros exerceu atividades de jornalista. Durante o período de Floriano Peixoto, fundou *O Fígaro*, que foi o segundo jornal que ele dirigiu. O primeiro chamava-se *O Clarim* e não teve, entretanto grande vivência.

Em *A Notícia*, Medeiros foi o mais importante jornalista. Nesse vespertino carioca, ele escrevia sozinho um espaço chamado “Crônica literária”, onde mais do que simplesmente resenhar obras semanais, opinava sobre os mais variados assuntos (principalmente os ligados especificamente ao campo literário, tais como crítica e história literária), revelando-se, dessa forma, um crítico completo.

Foi em um contexto de transformações literárias e restrições técnicas que se desenvolveu a “Crônica literária”, visto que a literatura estava se expandindo mais rapidamente em jornais, fazendo com que, desse modo, os leitores pudessem ter mais contato com ela nas páginas de periódicos.

Além de restrições técnicas, a coluna semanal de Medeiros e Albuquerque sofria de escasso espaço que era dado ao colunista para usufruir em *A Notícia*. Desse modo, ele a utilizava com muito talento em síntese de informações, ao passo que sempre procurava transparecer as informações que julgava mais relevantes de cada obra para, com isso, despertar o interesse do público leitor em adquiri-las.

O crítico utilizava o pseudônimo J. dos Santos na sua coluna semanal “Crônica literária”. De fato, esse recurso era comum em algumas seções jornalísticas diárias que traziam o nome, as iniciais ou o pseudônimo conhecido do jornalista responsável, sendo que, conseqüentemente, isso proporcionava um certo prazer nos escritores, ao passo que “em geral, esse prazer é duplo: é o de divertir-se, divertindo os outros. Ele vem, sobretudo, do espanto, da surpresa que se causa a estranhos” (ALBUQUERQUE, 1922, p.33).

Muitas vezes, os leitores até sabiam quem eram os donos dos pseudônimos, mas aceitavam o recurso como se fosse mesmo um mascaramento literário. Era uma certa imposição da dignidade burguesa para os escritores e artistas dramáticos do século XIX, pois “não parece bem a um magistrado, a um grande homem político ver o seu nome de família em cartazes de teatro” (ALBUQUERQUE, 1922, p.36). Portanto, os autores evitavam assinar com seus próprios nomes contos, versos ou crônicas publicados em periódicos.

J. dos Santos foi muito mais que um simples noticiarista, uma vez que revelava sensibilidade crítica ao resenhar livros surgidos no período em que trabalhava.

Mesmo em meio a dificuldades, ele encontrou lugar para apreciar de maneira crítica e bastante incisiva as obras de que tomava conhecimento, não deixando de lado a sua característica, marca irônica nos argumentos semanais de *A Notícia*.

Além de revelar-se sempre irônico, Medeiros frequentemente transparecia suas sensações nas opiniões, já que possuía o método considerado impressionista, pois sua visão crítica proporcionava uma apurada sensibilidade na hora de resenhar os livros. Ele não mede esforços para criticá-los asperamente, tecendo até mesmo comentários negativos a nomes importantes da literatura brasileira como, por exemplo, Sílvio Romero e Cruz e Sousa.

O método impressionista foi hegemônico no mundo literário, ao passo que as impressões começaram a ser elucidadas e argumentadas, não mais segundo um método crítico tradicional, que somente tinha o intuito de criticar, parecendo não exigir nenhuma sensibilidade dos críticos, além de revelar uma aparente distância entre os escritores e as obras.

Esse método teve uma permanente aspiração na vida brasileira além de que, de fato, foi uma configuração decisiva na linguagem crítica, em que também os elementos do passado, da tradição, foram utilizados sob um enfoque mais sensível e contemporâneo.

Com isso, o impressionismo crítico se desligava dos traços tradicionais de análise literária, com influência, sobretudo, da crítica impressionista francesa. Os críticos impressionistas como, por exemplo, Medeiros e Albuquerque, José Veríssimo, Wilson Chagas e Nestor Vitor, utilizavam a linguagem como resultante de uma solicitação de época, em que os escritores brasileiros, marginalizados pela evolução social e histórica, registravam suas críticas nos trabalhos, mostrando suas opiniões, porém nunca deixando de se sensibilizar com as notícias enfocadas.

Aliás, o método impressionista estava em choque com a abordagem tradicional de Sílvio Romero e seus seguidores, ao passo que esta vinha “a ser uma espécie de sinônimo de método científico, de objetividade, além de disciplina literária” (CANDIDO, 1988, p.42).

Como se sabe, o impressionismo crítico segue outra direção: é bastante subjetivo, sendo que os escritores apoiam-se nas primeiras impressões dos textos, sem a preocupação de prová-las, o que é exigido pelo método científico, contudo.

Não é à toa que Medeiros e Albuquerque sempre teceu críticas negativas ao método sociológico e historicista de Sílvio Romero, apesar de Romero ter sido seu professor particular de filosofia.

Na “Crônica literária”, J. dos Santos deixava transparecer suas sensações, mas não de forma pejorativa, visto que suas impressões eram sempre comprovadas com argumentos baseados na própria estrutura dos romances resenhados por ele. Em geral, preferia elucidar seus argumentos vinculados aos elementos intrínsecos dos livros.

Em seu espaço jornalístico, semanalmente, J. dos Santos abordava obras de diversos gêneros, sendo que no período de 1897 a 1908, nota-se que ele informou, em muitos momentos, romances. Desse gênero de obra, a preferência, sem sombra de dúvida, foi o nacional ao estrangeiro.

Em um levantamento feito em *A Notícia* em dezembro de 1902, encontra-se um texto da coluna em que J. dos Santos fez referência ao romance *Os Sertões* e teceu comentários acerca da região de Canudos, descrevendo características importantes do livro de Euclides da Cunha como, por exemplo, as referências ao uso linguístico da região e a descrição de costumes regionais.

O texto também contém informações sobre o autor, como seu alinhamento ao determinismo positivista, que fez Euclides dividir a obra em 3 partes: “A terra”, que faz a descrição dos aspectos físicos do sertão baiano, onde ocorreu a revolta; “O Homem”, que apresenta o sertanejo como resultado da mestiçagem e “A Luta”, em que se narra o desenvolvimento do conflito e a destruição do arraial de Canudos.

Além disso, o colunista forneceu detalhes acerca da vida de Antonio Conselheiro, o líder do movimento messiânico. Na opinião de J. dos Santos, “é um livro superior, um livro admirável, um livro de erudito e de escriptor, cheio de observação e de vida – o volume que acaba de publicar o Sr. Euclides Cunha” (ALBUQUERQUE, 1902, p.2).

Como se observa, Medeiros e Albuquerque, como um típico impressionista que foi, “tem opiniões esclarecidas sobre as razões dos seus juízos” (MARTINS, 1983, p.48), visto que ele procurava sempre esclarecer suas sensações com argumentos claros e com uma linguagem bastante acessível mesmo ao leitor que não estivesse muito familiarizado com o campo literário.

Em outro momento da “Crônica literária”, em 4 de outubro de 1899, quando tratou de *Jana e Joel* de Xavier Marques, J. dos Santos, primeiramente, fez referência ao trecho, explicando também o título do romance.

Em seguida, o crítico fez alusão ao estilo do autor, algo bastante comum nas críticas de Medeiros na sua coluna, opinando: “o auctor tem uma grande riqueza de vocabulário” (ALBUQUERQUE, 1899, p.2). Por ora, para os impressionistas, a crítica

tem “dois elementos subjetivos, em seu seio, dois inevitáveis fatores de contingência: a impressão, ponto de partida; e o juízo, ponto de chegada” (MARTINS, 1983, p.100)..

Em outra situação de *A Notícia*, J. dos Santos informou aos leitores a publicação de *Luzia-Homem* do escritor Domingos Olímpio. De início, ele relatou que o romance aborda a seca e o sofrimento dos retirantes. Como um usual livro realista, *Luzia-Homem* tem também diversas descrições minuciosas do ambiente e das personagens, enfocando o aspecto psicológico causado, sobretudo, pelo sofrimento da realidade do sertão.

Em seguida, o crítico mencionou o enredo do romance, que narra a história de uma mulher cobiçada por dois homens: Alexandre (amor suave e meigo) e o soldado Crapuína (amor perigoso). Dessa forma, os dois lutam pelo amor de Luzia.

Depois, J. dos Santos aludiu ao estilo com que Olímpio construiu a narrativa, afirmando que “a graça, a emoção, a observação exata com que, todo o livro foi escripto, o tornam encantador. O modo de dizer, a gíria, as credences populares do Norte – tudo está nele” (ALBUQUERQUE, 1903, p.2).

Como se vê, ele mostrava uma certa preocupação com os aspectos culturais do país e isso era exposto em muitos momentos que ele resenhava os romances nesta seção jornalística, mostrando que ele não tinha apenas o intuito de “resumir” as histórias, portanto.

Naturalmente, agindo assim, Medeiros e Albuquerque demonstrava certa preocupação com a realidade nacional, embora fosse, no caso do romance *Luzia-Homem*, especificamente a do sertão, o que prova que, como os impressionistas, esse crítico estava dividido basicamente “entre a preocupação especificamente literária e a aspiração em dar uma função social à sua atividade, firmando-se antes como crítico de ideias” (BARBOSA, 1974, p.211). Realmente, se os problemas sociais não o interessassem, ele nem sequer procuraria abordar romances baseados nesses assuntos específicos.

Aliás, vale registrar que, de fato, esse dado é verídico, ao passo que, além de romances, J. dos Santos resenhou muitas monografias sobre medicina no respectivo espaço jornalístico, revelando preocupação e interesse com os problemas de saúde pública e com a falta de higiene que o Rio de Janeiro estava passando, devido à proliferação de cortiços e epidemias consequentes de uma *Belle Époque* tropical, que parecia excluir as classes sociais inferiores.

Por fim, não deixando de expor suas sensações sobre *Luzia-Homem* de forma clara, o colunista opinou que o episódio final com a tragédia “com que o livro

acaba, é forte e empolgante. Dá-lhes um digno remate. Assim, no conjunto e em cada uma de suas partes, a obra é toda ela magnífica” (ALBUQUERQUE, 1903, p.2). Para todos os impressionistas, assim como para J. dos Santos, “a impressão pessoal é o alicerce do trabalho crítico” (MARTINS, 1983, p.99) e, por isso, ela era sempre elucidada nos argumentos, pois se não fosse assim, a crítica não teria fundamento existencial.

Em um outro levantamento feito no vespertino em setembro de 1903, encontra-se um texto da coluna em que o resenhista faz referência ao romance *Flora* de Gomes Bastos.

Todavia, esse livro não recebe comentários nada positivos de J. dos Santos, que julgou, transpondo suas sensações: “o romance de Sr. Gomes Bastos é um ensaio tímido e mal escripto” (ALBUQUERQUE, 1903, p.2).

Em seguida, o colunista abordou a história do romance, escrevendo que a personagem Flora tinha uma irmã que, ao completar 20 anos, quis se casar com um oficial da marinha. Como o pai se opôs, a moça suicidou-se “em supplicios horríveis” (ALBUQUERQUE, 1903, p.2). Flora, ao completar seus 18 anos, também se apaixonou por um operário, mas esse amor era impossível. Como os seus pais se opuseram, ela tentou se enforcar, mas foi salva a tempo. Por fim, a moça curou-se da paixão obsessiva.

Por fim, ironicamente, J. dos Santos aludindo à cura de Flora, teceu críticas negativas ao livro, opinando que a personagem “curou-se da enforcadella e da paixão. E pára ahi o romance, que é aliás abominavelmente mal escripto” (ALBUQUERQUE, 1903, p.2).

Aliás, a utilização da ironia como recurso expressivo é frequente na crítica de Medeiros e Albuquerque, não apenas na “Crônica literária”, como também em vários outros trabalhos de sua autoria, tais como, em *Poesias completas de Dom Pedro II*, quando ele escreveu que o imperador tinha “tendências charlatanescas, que o levavam muitas vezes a estragar as lições que aprendia” (ALBUQUERQUE, 1932, p.13), em *Minha vida*, quando opinou a respeito do escritor Emilio de Menezes: “de nós dois não fui eu o mais infecundo [...] Mas ele sabia que eu não tinha uma prodigiosa admiração pelo seu mérito” (ALBUQUERQUE, 1934, p.199) e em *O regime presidencial no Brasil*, quando afirmou: “não há dificuldade alguma em mostrar que o governo instável é o presidencial. Estável para o mal, instável para o bem” (ALBUQUERQUE, 1914, p.60).

De fato, Medeiros e Albuquerque, sendo um crítico impressionista essencialmente talentoso, utilizou sempre a ironia como recurso constituinte dos seus argumentos na “Crônica literária” ao passo que, em geral, observando a crítica impressionista, “não é necessário muita elucubração para se pensar na ironia e no ceticismo como formas de reflexão distanciada” (BARBOSA, 1974, p.113).

Naturalmente, o usual ceticismo irônico de J. dos Santos, assim como dos outros impressionistas, é compreendido “em termos de estratégia psicológica e ideológica do crítico” (BARBOSA, 1974, p.12).

Em suma, é interessante analisar a “Crônica literária” no vespertino carioca *A Notícia*, pois ela contém um conjunto bastante relevante de informações sobre a literatura do final do século XIX e início do século XX. J. dos Santos, o único responsável dessa coluna semanal, não apenas resenhava romances, mas também os criticava com bastante sensibilidade, de forma a expor suas sensações sempre de modo claro, contundente e apoiando-as em comprovações dos próprios livros informados por ele semanalmente.

Referências bibliográficas

Periódico:

A Notícia. Rio de Janeiro, 1897-1908. Cotidiano.

Artigos e Livros:

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *O regime presidencial no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

_____. *Graves e fúteis*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

_____. *Poesias completas de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932.

_____. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

_____. *Quando era vivo*. Rio de Janeiro: Leite & Maurillo, 1942.

BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974.

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1983, 2 vols.

